

Agenda propositiva dos trabalhadores da indústria química

O presente documento está em consonância com a “Agenda Estratégica da Indústria Química” da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) e com a “Pauta Conjunta dos trabalhadores da indústria química para o futuro” (julho/2022), destinadas ao então candidato e hoje presidente Lula. O presente documento avança no diagnóstico setorial e na agenda propositiva contida nesses dois documentos. Nosso entendimento é do **caráter absolutamente estratégico da indústria química para o processo de reindustrialização por missões socioambientais e fortalecimento da soberania nacional.**

Sob esta perspectiva, a industrialização não se coloca como um fim em si mesma, mas como uma via de realização do desenvolvimento econômico e socioambiental brasileiro. As missões elencadas na “Pauta Conjunta” foram:

- (i) Complexo Econômico Industrial da Saúde (CEIS);
- (ii) Saneamento básico;
- (iii) Habitação popular;
- (iv) Segurança alimentar e produtiva do agronegócio;
- (v) Reciclagem e incentivos à inovação;
- (vi) Mobilidade sustentável, veículos elétricos e híbridos.

A atual “Agenda Propositiva” busca melhor caracterizar o potencial da indústria química – compreendida em suas particularidades setoriais – na geração de emprego e renda com proteção social e trabalhista, bem como sua dimensão estratégica para o projeto de nova industrialização por missões socioambientais.

Em 1990, somente 7% do mercado nacional era abastecido por produtos químicos importados e o setor empregava 9,4% de toda força de trabalho presente na indústria de transformação. **Hoje a presença de importados saltou para 44% do mercado interno e a indústria química emprega apenas 4,9% da mão de obra industrial.** As últimas três décadas foram marcadas pela reprimarização da economia brasileira, resultado da desarticulação intersetorial e da descontinuidade operacional de diversas cadeias produtivas, implicando na perda de postos de trabalho qualificados e bem remunerados.

Entendemos que – em uma economia periférica de histórico colonial – a atuação estatal contemporânea não pode se limitar a ajustes nas taxas de câmbio e de juros (ainda que uma adequada política monetária seja indispensável ao processo de reindustrialização), tendo de

avançar também rumo ao investimento direto em setores-chaves que fomentem o transbordamento tecnológico e a articulação das cadeias produtivas.

Diante desta abordagem, a **indústria química pode assumir um relevante protagonismo nacional, desde que as medidas implementadas pelo Estado sejam acompanhadas por contrapartidas ambientais, sociais e trabalhistas objetivas e mensuráveis – em câmaras setoriais tripartites (assegurada a participação sindical) – no que se refere sobretudo:**

- (i) à diminuição do impacto ambiental;
- (ii) à promoção do desenvolvimento social pela realização das referidas missões;
- (iii) à geração direta de emprego e renda;
- (iv) à qualificação profissional visando a extinção dos acidentes de trabalho e ganhos de produtividade;
- (v) à redução da rotatividade do trabalho, entendida aqui como a demissão de um trabalhador pela empresa e a contratação de outro para o mesmo posto, com objetivo de rebaixar o patamar de salarial; e
- (vi) à promoção da diversidade para diminuição das desigualdades no mercado de trabalho, em especial as que atingem as mulheres, negros, LGBTQIA+ e Pessoas com Deficiência.

1. Químicos para Fins Industriais

O faturamento líquido dos Produtos Químicos para Fins Industriais foi de US\$ 88,3 bilhões em 2022, entretanto a balança comercial do setor registrou um déficit de US\$ 50,2 bilhões, com aumento de 44% em relação a 2021. Em 2021, o segmento empregou 111 mil trabalhadores formais no Brasil, apresentando uma remuneração nominal média de R\$ 6,4 mil e uma rotatividade estimada em 27%. No interior da indústria de transformação, o setor ocupa a 20ª posição em termos de vínculos ativos e a 3ª posição em remuneração média.

Considerando a relação faturamento líquido por trabalhador e o volume de importações, tem-se um potencial estimado de geração de empregos de 73,6%, ou seja, um processo de substituição de importações poderia criar 85 mil novos postos de trabalho na fabricação de Químicos para Uso Industrial. Disto não se deduz que o Brasil deva encerrar as importações, mas que se faz urgente a reversão do processo de desindustrialização em curso que na prática exporta empregos de qualidade.

Diante deste quadro, destacamos algumas das metas apresentadas pela ABIQUIM e que estão em confluência com a pauta propositiva aqui defendida:

- (i) Elevar a participação de fontes renováveis na matriz energética da química;
- (ii) Reduzir as emissões de gases de efeito estufa, visando alcançar a neutralidade de carbono até 2050;
- (iii) Maximizar o uso do gás natural do pré-sal e da biomassa vegetal na matriz de matérias-primas da química;
- (iv) Reduzir a capacidade ociosa das plantas instaladas atualmente, de 30% para 10% em dois anos;
- (v) Aumentar os investimentos do setor para a média anual de US\$ 5 bilhões ao ano (mesma média que foi praticada em meados dos anos 2010);
- (vi) Reduzir o atual déficit da balança comercial de produtos químicos para no máximo US\$ 30 bilhões até 2030.

2. Adubos, fertilizantes e defensivos agrícolas

O setor de adubos e fertilizantes apresenta um cenário bastante característico, acumulando sozinho um **déficit na balança comercial de US\$ 24 bilhões, com 23% das importações vindas exclusivamente da Rússia**. Cumpre lembrar que, em termos globais, a indústria química brasileira geral disputa diretamente com a química russa a 6ª colocação em participação de mercado. Entre 2016 e 2019, a produção brasileira de fertilizantes recuou em média 9% a.a., enquanto as importações subiram 7%. Ou seja, estamos abrindo mão de um setor fundamentalmente estratégico à garantia da **segurança alimentar brasileira**, enquanto perdemos postos de trabalho qualificados e bem remunerados.

Conforme os últimos balanços disponíveis, a fabricação de adubos e fertilizantes no Brasil faturou US\$ 35 bilhões em 2022, empregando cerca de 38 mil trabalhadores com remuneração média de R\$ 4,8 mil e uma rotatividade projetada em 38%. O setor tem um potencial de ampliação da mão de obra formal em 70,8% a partir de um sólido processo de substituição de importações, que poderia se iniciar com a **adequação das taxas de importação inscritas na Lista de Exceções à Tarifa Externa Comum (LETEC)**, inteiramente justificada a partir da **missão segurança alimentar e produtiva do agronegócio**.

A cadeia de fertilizantes nitrogenados, por exemplo, utiliza preponderantemente o gás natural como matéria-prima para fabricação de amônia e ureia. Faz-se urgente o barateamento

do gás natural – principal insumo produtivo – concomitante à valorização da Rota do Gasoduto 4a. Existem hoje no Brasil sete unidades de **Fabricação de Fertilizantes Nitrogenados (FAFENS)**, que surgiram como fruto do investimento estatal para o **adensamento da cadeia produtiva da indústria química**. No entanto, ao longo dos anos as plantas de fertilizantes nitrogenados foram desmobilizadas e privatizadas, restando poucas em funcionamento.

Requer-se ainda a **criação de uma CNAE específica para os fertilizantes orgânicos**, bem como a articulação dessa produção com consumidores da agricultura familiar e/ou médios-grandes produtores. Poder-se-ia assim também favorecer a substituição dos defensivos agrícolas – amplamente desregulamentados no governo anterior – pela produção que prioriza a agricultura familiar e a **missão vinculada à saúde preventiva da população brasileira**.

A indústria de defensivos agrícolas também acumula um expressivo déficit de US\$ 6,5 bilhões em sua balança comercial, com destaque à presença das importações vindas da Índia – que ocupa a terceira maior fatia da pauta com 9,9% do total –, um país também concorrente direto do Brasil no mercado global da química. Existem hoje no setor 12,7 mil trabalhadores formais no Brasil, com remuneração média de R\$ 8,6 mil e rotatividade do trabalho estimada em 30%.

3. Materiais plásticos e reciclados

A chamada 3ª geração de transformadores plásticos consiste no **maior empregador da cadeia produtiva da indústria química brasileira**, sendo responsável pela criação de 335 mil postos de trabalho formais, com uma remuneração média de R\$ 2,9 mil e rotatividade estimada em 40,8%. A fabricação de materiais plásticos deva estar diretamente associada às **missões saneamento básico e habitação popular**, colocando a indústria química nacional na base do fornecimento para a construção civil.

Conforme destacamos na ocasião da “Pauta Conjunta”, aproximadamente 35 milhões de brasileiros vivem sem acesso à água tratada, 100 milhões sem coleta de esgotos (47,6% da população) e apenas 46% do esgoto produzido no país recebe tratamento. Este cenário precisa ser revertido com a **absorção de Cloro/Soda e PVC oriundos da indústria nacional, gerando emprego e renda em território brasileiro**.

Tal qual parte majoritária da cadeia química, o setor de plásticos registra significativo déficit de US\$ 6,4 bi em sua balança comercial. O potencial de geração de empregos via

substituição de importações pode chegar a 36,9%, o que representa aproximadamente 123 mil novos postos de trabalho. Para tanto, reiteramos as seguintes medidas reivindicadas:

- (i) **Estender a desoneração de PIS/COFINS de matérias-primas** – garantida hoje pelo REIQ – **para a 3ª geração petroquímica, setor de transformados plásticos** (inclusive reciclados plásticos), verificando a efetividade do pleito com uma contrapartida de queda da taxa de rotatividade setorial, tendo em vista que os referidos tributos financiam o seguro-desemprego, o abono salarial e a seguridade social no país;
- (ii) **Criação de identidade tributária para o produto reciclado plástico**, pois a resina plástica reciclada é classificada na mesma posição da NCM/TIPI das matérias-primas virgens (posição NCM 3901 a 3915), o que favoreceria também o combate à informalidade no setor;
- (iii) **Realização de projetos de qualificação profissional** adaptados às diferentes demandas regionais, à distribuição dos polos produtivos e ao processo produtivo empregado (injeção, sopro etc.);
- (iv) **Programa de modernização do parque industrial** com implementação de **centros de ferramentaria**, bem como a criação de **linhas de crédito específicas para instalação de dispositivos de segurança e proteção nas máquinas e equipamentos**, visando reduzir os acidentes de trabalho na indústria de transformados plásticos.

Por fim, compete ao Estado assegurar que no médio-longo prazo o desenvolvimento produtivo brasileiro seja impulsionado pela indústria de baixo impacto ambiental, **fomentando a reciclagem de materiais plásticos** e de borracha e **regulamentando a Lei 14.260/2021**, que prevê estímulos fiscais para projetos de reciclagem e autorização legal para criação de **fundos de investimento relacionados a projetos de reciclagem**. Reivindicamos uma **transição justa aos trabalhadores**, que possamos avançar na sustentabilidade ambiental conjuntamente ao desenvolvimento social e à produção industrial.

4. Tintas e vernizes

A indústria de tintas e vernizes está diretamente associada às **missões habitação popular e mobilidade urbana**, tendo em vista sua capacidade de abastecimento interno para a construção civil, setor imobiliário e indústria automobilística. O setor registrou um faturamento líquido de US\$ 3,91 bilhões em 2022 e segue a mesma lógica das balanças comerciais estruturalmente deficitárias que marca a indústria química brasileira. Ainda em 2022, o setor

apresentou um déficit de US\$ 945 milhões e um total de importações na ordem de US\$ 1,45 bilhão, sendo estas provenientes sobretudo da China (30,7%), Estados Unidos (11,5%), Índia (9,8%), Alemanha (7,6%) e México (6,1%).

Existem hoje no Brasil mais de 37 mil vínculos de emprego formal na indústria de tintas e vernizes, sendo observada uma remuneração média de R\$ 4,7 mil e rotatividade projetada em 27,8%. Considerando a relação faturamento líquido por trabalhador, tem-se que o potencial de geração de empregos por um processo de substituição de importações poderia chegar a 37,1%, ou seja, poderiam ser criados 11,5 mil novos postos de trabalho.

Em 2020, o setor foi favorecido pela generalização do regime de trabalho remoto como medida de prevenção ao coronavírus, o que se refletiu no crescimento do mercado de tintas imobiliárias. Contudo, passada a pandemia, a indústria de tintas e vernizes tem gradualmente perdido seu dinamismo, requerendo, portanto, a ação do Estado para sustentação de sua demanda agregada a partir de uma política industrial setorialmente articulada.

5. Farmoquímicos e farmacêuticos

A pandemia de Covid-19 colocou em evidência o papel da indústria farmacêutica para a realização da soberania nacional. O processo de desindustrialização vivido pelo Brasil desde os anos 1990 comprometeu significativamente o segmento farmoquímico – a química fina que serve de insumo à fabricação de medicamentos –, o que pode ser claramente observado pela dependência das importações de IFA (Insumo Farmacêutico Ativo) para a produção de vacinas. **A ampliação e o adensamento das cadeias produtivas farmoquímicas e farmacêuticas brasileiras se apresenta como reivindicação urgente à proteção e à saúde do povo brasileiro.**

Agravando o cenário produtivo do setor, desde 2016 o país perdeu qualquer política industrial que pudesse reduzir os sucessivos déficits de sua balança comercial (hoje na casa de US\$ 8,4 bilhões), ainda que registre em 2022 um faturamento líquido de US\$ 19,7 bilhões. A indústria farmacêutica brasileira emprega atualmente 109 mil trabalhadores formais, com uma remuneração média de R\$ 6,4 mil e uma rotatividade estimada em 23%. Considerando o faturamento líquido por trabalhador, o potencial de geração de empregos através de um processo de substituição de importações poderia chegar a 50,3%, o que corresponde a cerca de 54 mil novos postos de trabalho. Enfatizamos que estes se referem a vínculos de qualidade, com adequadas condições de trabalho, qualificação profissional, baixa rotatividade e remunerações acima da média nacional.

Uma retomada consistente dos investimentos na indústria farmacêutica atende à missão social de fortalecimento do Complexo Econômico Industrial da Saúde (CEIS), garantindo a rede de fornecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e recolocando o Brasil na disputa concorrencial do mercado internacional enquanto polo inovador na fronteira tecnológica, e não apenas como um enorme mercado importador de baixa produção e reduzida capacidade de agregação de valor.

6. Álcool e biocombustíveis

A indústria sucroalcooleira brasileira desponta como um dos setores estratégicos para a descarbonização rumo à transição energética. O avanço mundial no sentido de uma economia “verde” e sustentável, que se orienta a partir de combustíveis limpos e renováveis, coloca o Brasil em posição de destaque, isto porque o país ocupa hoje a posição de maior produtor de cana-de-açúcar do mundo. O plantio da cana-de-açúcar possibilita ao menos quatro principais frentes de negócio:

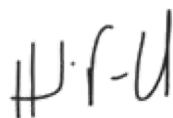
- (i) fabricação de açúcar em bruto e refinado;
- (ii) fabricação de álcool e biocombustíveis;
- (iii) cogeração de energia elétrica a partir do bagaço e da palha da cana (biomassa);
- (iv) comercialização dos créditos de carbono no mercado financeiro (CBios).

O Brasil é hoje o maior exportador de açúcar do mundo, influenciando em grande medida o valor do produto no mercado internacional. Por outro lado, o país também desponta como um dos grandes produtores e exportadores de álcool combustível, consolidando assim seu papel na futura transição da frota viária brasileira a partir **do veículo híbrido flex (eletrificado e movido a etanol)**. No curto e médio prazo, a transição orientada pelo *veículo híbrido flex* se beneficia da infraestrutura de abastecimento já existente no Brasil, além de **avançar na descarbonização preservando milhares de postos de trabalho em outras cadeias produtivas**.

Além das medidas tributárias de estímulo ao setor – anunciadas em 1º de março pelo Governo Federal (retomada dos impostos federais sobre os combustíveis favorecendo o consumo de etanol) – faz-se necessário **um programa de qualificação profissional, visando a saúde e segurança, bem como a valorização da mão de obra sucroalcooleira**. O conjunto da cadeia produtiva (do cultivo ao refino) emprega no Brasil mais 480 mil trabalhadores, com uma remuneração média de R\$ 2,8 mil e rotatividade projetada em 46%. Ao longo dos últimos anos

o setor tem passado por um processo de oligopolização a partir de grandes grupos econômicos, que também precisa ser monitorado pelas agências reguladoras do Estado brasileiro.

Por fim, reafirmamos que esta agenda conjunta dos empresários e trabalhadores da indústria química para o desenvolvimento dos seus diversos setores por meio das missões socioambientais destacadas é um desdobramento do Plano Indústria 10+, pauta conjunta da CUT, Força Sindical e Industrial Brasil, entre outras entidades sindicais e da Agenda Estratégica da Indústria Química, elaborada pela Abiquim. Parte da articulação de um projeto de desenvolvimento econômico e socioambiental que busca fortalecer a democracia com melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro, reduzindo desigualdades sociais, distribuindo renda, de forma ambientalmente sustentável e considerando as necessidades e potencialidades das diferentes regiões do país.



André Passos
**Presidente-executivo
da Abiquim**



Sérgio Luiz Leite
Presidente – FEQUIMFAR



Geraldo Teixeira
Presidente – CNQ



Herbert Passos Filho
Coordenador Nacional – SNQ



Airton Cano
Coordenador Político – FETQUIM